



1

## MUSEU DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UMA AÇÃO EDUCATIVA NO INSTITUTO DO MUSEU JAGUARIBANO.

ALEX DA SILVA FARIAS\*

### Resumo:

Os museus de cidade tem a função de inserir sua população nos lugares de memória, tanto que o fato de muitos dos museus de história existir nos museus de cidades permite que narrem uma determinada história local. Observo a necessidade de se pesquisar as determinações sociais, rever as estruturas e as propostas das instituições sociais de memória. O próprio discurso histórico das instituições museais sempre foi uma narrativa das elites para justificar dominação, exclusão e poder. De outra perspectiva observo tal argumentação indagando, será que a população se identificou realmente com o museu de sua cidade, qual a relação entre o museu e seus cidadãos? Questionar o papel social da instituição passa pela educação cidadã. O museu, lugar de conhecimento e de ação, é também ambiente educativo e seu uso pedagógico pode transformar os alunos trazendo-os a consciência de preservação da memória histórica regional e local referente a sua identidade e cidadania. É necessário lembrar que a ação educativa nos museus está relacionada com o ensino de história, portanto, tende a estimular e desenvolver nos cidadãos o interesse e o respeito pelo patrimônio cultural local. O objeto da pesquisa é o Museu Jaguaribano situado no Solar do Barão de Aracati, inserido na paisagem da cidade e responsável pela construção da histórica da cidade. O objetivo, no entanto é incorporar e apresentar os pontos de contato relativos ao campo de estudo do objeto e sua prática educativa no contexto do período de 1965 a 1985, data do recorte proposto. Utilizo como metodologia uma análise das exposições permanente e ocorridas na época, confrontando e dialogando a documentação oficial com a história oral temática através de entrevistas com professores, sócios do museu e ex-alunos. Os objetos do museu transmitem informações sobre o costume e cotidiano, sua leitura é feita pela narrativa das mensagens e documentos. A memória é construção, não está aprisionada nos objetos. São representações produzidas pela informação sobre determinada perspectiva de discurso e escrita. A dessacralização de seu acervo patrimonial contribui de forma expressiva na formação de professores, estudantes e pesquisadores que desenvolvem projetos de pesquisa e atividades de extensão ou ensino com as instituições de preservação. Consequentemente a desconstrução desta patrimonialização também nos ajuda a entender sua trajetória, pois implica compreender os processos sociais e históricos construídos ora envolvidos ou disfarçados de ações de educativa.

Palavra-chave: Museu, Educação, Patrimônio, Memória, Cultura.

### Introdução:

Os museus de cidade<sup>1</sup> tem a função de inserir sua população nos lugares de memória<sup>2</sup>, tanto que o fato de muitos dos museus de história<sup>3</sup> existir nos museus de cidades permite que

---

\* Mestre em História e Culturas pela UECE/MAHIS, Especialista em Metodologia do Ensino de História pela UECE/NECAD e Pós-graduando em História do Brasil – INTA. [alexfarias@yahoo.com.br](mailto:alexfarias@yahoo.com.br).

<sup>1</sup> São instituições urbanas, nostálgicas, imutáveis, míticas e de restrita leitura das contradições históricas, que permitem uma discussão sobre as intencionalidades na construção e perpetuação da história local (NORA, 1981).

narrem uma determinada história da nação, da cidade, da região e do município, embora nem sempre este museu reflita a história de sua cidade, mas a representação que os grupos têm do museu e da cidade.

A delimitação da noção de cidade tradicional era de valorização da espécie humana e seus espaços fechados, baseada no crescimento e exaltação econômica dos recursos. Já a definição de cidade-monumento compreendia a cidade como uma obra de arte esteticamente uniforme congruente com a expressão de nacionalidade. Tal delimitação norteou as bases para a noção de cidade-documento indicando possibilidades de análises e compreensão das cidades na complexidade urbana (RIEGEL, 2006 CHOAY, 2001).

As novas concepções do termo cidade nortearam a atuação, as práticas e o entendimento da cidade como lugar socialmente constituído e produzido, onde se acumulam vestígios culturais sucessivos e permanentes que se apropriaram do passado para construir a trajetória da cidade. O conceito aumentou a valorização das cidades e do patrimônio respeitando suas historicidades e ampliou o entendimento de novos agentes institucionais (PESAVENTO, 2007; CHOAY, 2001; ABREU, 1998).

O próprio discurso histórico das instituições museais sempre foi uma narrativa das elites<sup>4</sup> para justificar dominação, exclusão e poder. A produção do discurso foi controlada, selecionada, organizada e distribuída por procedimentos para dominar o acontecimento; foi uma prática historicamente criada deslocou-se de acordo com a vontade de “verdade” das mudanças científicas (FOUCAULT, 2001).

Observo a necessidade de se pesquisar as determinações sociais, rever as estruturas e as propostas na perspectiva de identificar como tais compreensões de mundo possam ser entendidas como “verdadeiras” pelas instituições sociais de memória.

De outra perspectiva observo tal argumentação inicialmente indagando, será que a população se identifica realmente com o museu de sua cidade? Se em afirmativo, qual a

---

<sup>2</sup> São lugares onde a memória é exercida, estruturada, hierarquizada, preservada e produzida, podendo ser lugares físicos ou não como: documentos, arquivos, bibliotecas, monumentos, praças, ruas, mercados, igrejas e museus (MENESES, 1985, 2003).

<sup>3</sup> São museus que buscam transmitir um determinado conhecimento da memória e da história, são espaços que transmitem uma memória coletiva, social, artificial, oficial e nacionalista, tendem a conduzir a uma determinada narrativa historiográfica da nação. Narram a história regional, e sua escrita história é intrínseca dos museus locais, abrindo possibilidades de compreensão das culturas no passado (POULOT, 2013).

<sup>4</sup> A metodologia para análise e estudo das elites, exige padrões sociais, atividades de grupos, de temas, integração e exclusão, pois expõe a elite como metodologia de pesquisa. Surge então a necessidade de contextualizá-la a fim de identificar as posições e atitudes como campo de análise de estudo, ou seja, é preciso definir a população analisada e o método (PERISSINOTTO, 2015).



3

representação que se faz se não, por qual motivo? Em suma qual a relação entre o museu e seus cidadãos?

Ao diagnosticar as transformações na cidade ocorridas no período entre os anos 1965 a 1985, recorte definido pela análise das fontes<sup>5</sup> investigando a função educativa nas exposições e atas das assembleias do Instituto do Museu Jaguaribano<sup>6</sup> na época, percebi que o Museu Jaguaribano, fundado em 15 de novembro de 1968, localizado na Rua Coronel Alexanzito, 743 em Aracati, Ceará, no edifício do Solar do Barão do Aracati (FARIAS, 2015), assumiu a função de instituição cultural local, cujo espaço social ganhou maior projeção no meio cultural da cidade. O significado da apropriação de um discurso erudito era a confirmação da autoridade do Museu Jaguaribano como da instituição.

De outro ponto de vista questionar o papel social da instituição através do seu acervo também é importante, na medida em que observo uma determinada construção da narrativa histórica, focada nas exposições, celebrações e comemorações dos ilustres heróis citadinos através de uma perspectiva sempre linear, evolutiva, cronológica de fatos predestinados, eventos e personagens.

Entender como funciona tais procedimentos no cotidiano é refletir a construção da trajetória histórica da localidade, portanto a resposta para tais indagações passa pela educação, tanto que foi usada no discurso da elite letrada no museu, como é solução para a compreensão das identidades, ou seja, uma educação cidadã.

Ação educativa nos museus e educação patrimonial:

Na perspectiva tradicional o museu era propagador da memória da elite através de um discurso de exaltação dos heróis do passado. Antes de ser monumento era responsável por uma única memória artificial e de expor suas experiências históricas (BANN, 1994). O museu hoje é um sistema simbólico medidor da relação do homem com a natureza qualificando valores culturais a serem preservados, estudados e expostos; devem ser encarados como meio de institucionalização do processo cultural; representam e simbolizam concretamente os processos de produção, transformação e reprodução dos bens culturais.

<sup>5</sup> Os documentos escritos que embasam e testemunham estas análises foram produzidos pelos próprios fundadores que de certa maneira nos dizem da época em que foram constituídos, pois relatam suas atividades que nos são dadas a ler nas assembleias do período de 1965 a 1985. Nesta constam: atas das reuniões da diretoria; balanços contábil e financeiro com os respectivos recibos; notícias em jornal para as exposições, comemorações, homenagens e convocações; manuscritos, cartas e documentos oficiais de registro, tudo datilografado e encadernado, encontram-se nos arquivos do Instituto do Museu Jaguaribano.

<sup>6</sup> O Instituto do Museu Jaguaribano divide-se em: Museu Jaguaribano e Arquivo do Jaguaribe.



Lugar onde são expostos objetos intrincados num processo comunicativo que necessitam e implicam na seleção de peças para o acervo e no modo de ordenar as exposições, portanto, o museu torna-se lugar de conhecimento e de ação. Em síntese o museu também é ambiente educativo e seu uso pedagógico é essencial e transformador (POULOT, 2013; GONÇALVES, 2003, PRIMO, 1999; BRUNO, 1997).

No mesmo sentido o museu transforma os alunos trazendo a consciência de preservação da memória histórica regional e local referente a sua identidade e cidadania. Lembrando não somente aos profissionais de museu mais também aos professores que a ação educativa nos museus está relacionada com o ensino de história, portanto, tende a estimular e desenvolver nos cidadãos o interesse e o respeito pelo patrimônio cultural local (LEAL, 1995), cooperando com organizações, instituições e grupos ligados a atividade cultural (SANTOS, 1993).

Desde a década de 60 diversos documentos mundiais referentes a preservação do patrimônio<sup>7</sup> recomenda a ação educativa nos museus e reafirmam a importância de atividades de proteção e defesa do patrimônio histórico e cultural pela sociedade civil.

O ensino de história hoje leva o aluno a questões que induzem a reflexão sobre si e o outro, assim leva-os a desconstruir a estrutura binária (vencidos e vencedores), e compreender o fenômeno histórico das relações políticas, no qual faz parte como sujeito social e cidadão autônomo, ou seja, uma nova pedagogia como compromisso social e político, traz a inclusão social como bem cultural (KARNAL, 2007).

A educação é um processo permanente na vida social, envolvendo todos os parâmetros cotidianos da vida em grupo e o museu não é indiferente, pois é uma ferramenta para o ensino de história, principalmente para a história local (FREITAS, 2010).

A História local é um campo de estudo que contribuiu para a construção dos processos e reflexões, tais processos estão situados em espaços socialmente construídos e repensados na forma estrutural de “bairros e cidades”. É apropriar se das representações dos conflitos,

---

<sup>7</sup> As principais cartas e declarações que abordam estas questões são: A Carta de Veneza, criada em 1964, foi o marco que guiou as intervenções governamentais sobre os conceitos de conservação; As Normas de Quito, que caracterizou o patrimônio cultural e os monumentos como riquezas naturais do país; A Declaração de Estocolmo recomendou o envolvimento de políticas culturais e ambientais; A Convenção de Paris, em 1975, que lançou as bases da conservação integrada, dando consciência da proteção dos conjuntos arquitetônicos considerando o planejamento urbano e regional; O Manifesto de Amsterdam, afirmou que o patrimônio é um capital espiritual e cultural, econômico e social com valores determinantes; A Carta de Washington incentivou a participação dos habitantes e cidadãos na salvaguarda e na formação de novas atividades das cidades históricas (PRIMO, 1999; BRUNO, 1997, BRESCIANI, 2003, ARGAN, 1998).



5

questões, e cotidiano referentes a uma determinada região. Inserida na estrutura da histórica global, leva em consideração a valorização das diversidades e diferenças na identidade individual, coletiva, local, do cotidiano e regional.

O objetivo é a explorar as possibilidades e perspectivas para se trabalhar o ensino de história. A intenção é incorporar e apresentar os pontos de contato relativos ao patrimônio cultural local<sup>8</sup>, pois é o diálogo entre a educação, cultura<sup>9</sup> e patrimônio que se consolidam as ações educativas com fins de evitar ou disseminar determinada consciência de grupos em relação ao patrimônio que hoje perpassam os currículos escolares.

O patrimônio serve para unificar identidades e desigualdades, é a base para a construção das identidades e consciência do indivíduo e de sua cidadania. Na educação patrimonial temos duas (2) ações educativas: ação educativa à necessidade de proteção ou defesa do patrimônio cultural; e as ações educativas relacionadas a valorização e reconhecimento do patrimônio cultural com a participação ativa de grupos na definição do patrimônio a preservar (GONÇALVES, 2014). O papel educativo do museu é refletir os objetos contemplados sob um discurso crítico, contudo, é necessário a fim de sensibilizar os visitantes com atividades lúdicas e com materiais no cotidiano (RAMOS, 2004).

O Museu Jaguaribano:

É importante repensar o fato de o Museu Jaguaribano estar situado no Solar do Barão de Aracati<sup>10</sup>, inserido na paisagem da cidade, como ponto de referência físico, (para localização dos habitantes) e campo simbólico, (como veículo de cultura letrada). Afinal foi através de suas exposições de documentos e celebrações aos heróis nacionais e ilustres aracatienses, que noto uma visão de história magister “mestra da vida”, oficial e nacionalista, positivista e estruturalista, característica do processo de patrimonialização da cidade e do

---

<sup>8</sup> É composto pelo patrimônio ambiental, histórico, artístico, arquitetônico, material, imaterial e cultural. É indicado pelos seus habitantes e demonstra a consciência e preocupação com a preservação da cultura local.

<sup>9</sup> O conceito é difícil de estabelecer, pois o termo pode ser adotado por diferentes comunidades intelectuais para dar respostas a interesses ou problemas diversos. Foram os sociólogos e antropólogos que se aproximaram do termo que caracterizado pela presença de membros de uma mesma classe numa comunidade, com diferentes indicativos de sua reflexão com outras classes ou no seu próprio universo. O conceito hierárquico de cultura está incrustado na mentalidade ocidental, de maneira que forma a impressão de padrões e valores que se refletem e transmitem de uma cultura para outra os conhecimentos produzidos.

<sup>10</sup> Solar de arquitetura do século XVIII e XIX, com estilo neoclássico e fachada de azulejos O Historiador, Antero Pereira Filho afirma que o Solar teria em maior parte de sua existência pertencido ao Barão de Messejana, e depois em homenagem ao Dr. José Pereira da Graça Filho, o Solar do Barão de Aracati (PEREIRA FILHO, 2008).



6

mesmo modo do entendimento do conceito de patrimônio do contexto da época de sua criação (FARIAS, 2014).

No Brasil o interesse pela preservação dos bens culturais é do período colonial. No Ceará há uma tendência nacionalista relacionada à celebração dos fatos pertencentes a grupos (CASTRO, 2008). Em Aracati, era uma determinada história da cidade que o Museu Jaguaribano produzia, reproduzia e refletia.

As exposições periódicas e permanentes produzidos no museu, que deveriam refletir o cotidiano da cidade são um discurso nacionalista e conservador; vinculavam-se a um determinado discurso para dar maior visibilidade aos objetos, portanto são narrativas, resultados de uma multiplicidade de construções sociais e representações coletivas, ou seja, os museus recontam a história que já foram contadas. Partem da memória individual de um grupo para a memória coletiva de uma cidade.

O acesso da população ao museu não quer dizer que se está democratizando a cultura, pode-se apenas transformar os objetos em estereótipos a serviço dos usos da memória. As principais exposições são: A exposição de fotografias do Aracati Antigo; a exposição de jornais antigos do Aracati e outras regiões do país; as exposições de livros raros, papéis e documentos antigos; e as exposições de Arte, além das homenagens e publicações.

Surge então a necessidade de se discutir agora uma outra questão: como o Museu Jaguaribano, através da educação configurou ou confirmou a história da cidade; como se estudou a história da cidade sem um museu ou ainda como os professores ilustravam as aulas de história?

É preciso considerar que desde que foi declarado bem de utilidade pública, conforme Lei Estadual nº 9887 de 1974 e Lei Municipal nº. 10 de 1984, o Museu Jaguaribano ainda mantém parceria com escolas públicas e particulares da região, aproximando professores e alunos da instituição. Haja vista que o seu quadro de diretores era composto por professores da rede de ensino da região.

As escolas da rede particular eram: o Colégio Marista de Aracati, o Instituto São José (Ginásio São José) e o Instituto Waldemar Falção (Colégio Salesianas). Já da rede pública: a Escola de Ensino Fundamental e Médio Barão de Aracati (E.E.F.M. Barão de Aracati), o Serviço Social da Indústria (SESI), e da Escola de Ensino Fundamental e Médio Beni de Carvalho (E.E.F.M. Beni de Carvalho).

Os professores e fundadores eram: Antônio Lúcio Porto Caminha, Alcy Barbosa Gurgel, Luiz Alreliano de Souza, João José Dias de Oliveira, Rosália da Costa Nepomuceno, Norma Ribeiro da Silva, Maria Bernadete Gurgel Felismino e Alba Barbosa Gurgel, era um grupo eclético e ciente de que deveriam e estavam na vanguarda pela preservação do patrimônio histórico do município. Acreditavam que, por Aracati ser uma cidade histórica, sentiam-se obrigados e responsáveis em criar, reproduzir e manter para preservar a história da cidade (FARIAS, 2015).

De certa distância observo que a aristocracia era de historiadores e professores que se tornaram referência de erudição na cidade, pois os avanços do conceito de patrimônio cultural foram apropriados por estes intelectuais, sob um discurso de preservação e tombamento criando um hiato entre sua representação e o cultural local.

Sobre as aulas de história e exposições educativas no Aracati e no museu, utilizo o depoimento da Professora Socorro Matos<sup>11</sup>.

“[...] Naquele tempo eu era aluna a professora era Dona Norma ... [...] no ginásio estudava a história geral, mundial, e do Brasil no interior, né? Dona Norma era muito criativa, viajava muito pra Europa, imagine naquele tempo! Visitava os museus e trazia as fotos e na aula ela folheava e discutia o seu álbum com os alunos explicando assim e assim”[...].

Nota-se que o já havia o uso pedagógico do museu no ensino de história da cidade. Em outro momento a depoente narra que “A história da cidade era através de visitas as fábricas, a cerâmica, então era assim, claro que hoje com o museu tudo ficou mais fácil, mas assim fizemos a história do Aracati”.

O museu era frequentemente usado pelos professores de forma didática “para ilustrar as aulas”, embora não existisse qualquer projeto pedagógico nas visitas. Tal necessidade fez surgir trabalhos sobre a história da cidade na historiografia regional, escritos por autores da localidade. A professora Socorro Mattos publicou o livro “Desbravando o município de Aracati”, onde a autora narra “a história da cidade, do folclore e do patrimônio” (MATOS, 2005, p. 07), acessível ao público estudante e turista, comenta<sup>12</sup>, “reuni as pesquisas que tinha, daí pesquisei mais e dentro de seis meses escrevi o livro”.

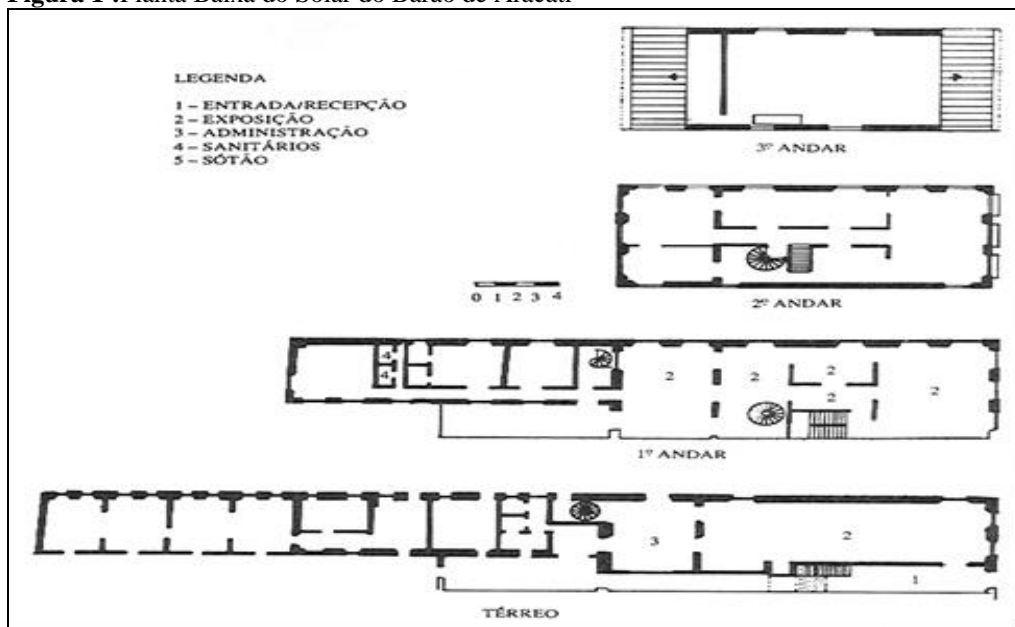
<sup>11</sup> Profa. Maria do Socorro de Matos. 58 anos, professora da rede pública e particular há 35 anos, é sócia do Instituto do Museu Jaguaribano, ainda é membro da diretoria, reside em Aracati, entrevista concedida em sua residência em 01 ago. 2012.

<sup>12</sup> Profa. Maria do Socorro de Matos. 58 anos, professora da rede pública e particular há 35 anos, é sócia do Instituto do Museu Jaguaribano, ainda é membro da diretoria, reside em Aracati, entrevista concedida em sua residência em 01 ago. 2012.

O museu era frequentemente usado pelos professores de forma didática “para ilustrar as aulas”<sup>13</sup>, embora não existisse qualquer projeto pedagógico nas visitas, tal necessidade fez surgir trabalhos sobre a história da cidade na historiografia regional.

O Museu Jaguaribano envolve seu visitante em sua arquitetura e paisagem dos espaços interiores podendo ser utilizadas para programas e atividades culturais. Através de sua planta baixa (figura 1) podemos identificar a imposição de uma lógica de percurso e ordem de visita baseada na circulação dos visitantes em seu interior. Percorrendo seus aposentos e visitando suas exposições, podemos observar.

**Figura 1** :Planta Baixa do Solar do Barão de Aracati



**FONTE:** SOUZA, Simone ALENCAR CUNHA, Terezinha Helena de. VELOSO, Francisco Augusto Sales. Patrimônio Tombado — Guia bens do Ceará Tombamento. Secretaria da Cultura e Desporto, Ceará, 1995.

As exposições não incitam a uma crítica social, há apenas uma sequência lógica de visita que segue um roteiro sem reflexão e que dá preferência apenas aos objetos e ações de personagens ilustres do município.

É necessário criar diferentes enfoques sobre os objetos do museu Jaguaribano, no qual o mesmo museu abriga. A relação entre o sujeito e o objeto deve ser o recurso didático para projetos e atividades escolares. Mas é preponderante observar que este recurso não deve ser utilizado como complementação, mas atividade dinâmica.

<sup>13</sup> Idem.





No primeiro andar (térreo) há a exposição permanente dos “Ciclos Econômicos do Aracati” em concordância com o trabalho de pesquisa do Senhor Antero Pereira Filho. Encontramos nesta sala uma máquina registradora, cofres, moedeira de cana-de-açúcar manual, balança, carro de boi e canga, conjunto de ferramentas para carpintaria, conjunto de ferramentas para marcenaria, engenhoca, garrafão (usado na fabricação de aguardente), cangalha, alambique, roupa de couro (roupa de vaqueiro) e berrante entre outros objetos. Logo depois encontramos uma sala para exposição permanente sobre os “Jornais Antigos do Aracati Antigo e Outras Regiões do País”. Adjacente, a esta sala há um corredor com placas e fotografias em homenagens a “Aracatienses Ilustres” e uma coleção da antiga banda de música da cidade. Existe uma mapoteca com mapa do Centro Histórico de Aracati, das ruas e praças da cidade. Na numismática uma coleção de cédulas e moedas do século XVII.

Depois da sala de exposição, há outra sala, usada antigamente para entrada dos empregados, que é responsável por abrigar algumas peças indígenas contendo: tacape, colar, maracá, peneira, pente, arco, lança, flecha e ponta entre estatuetas e imagens da fauna e flora. Consequente a este pavimento: cantina, refeitório, depósitos e um pátio para convivência, lançamentos de livros e obras de arte com palco para apresentações musicais e artísticas. Ambientando o espaço tem exposto uma peça de artilharia e uma âncora de um navio naufragado encontrados no litoral do município.

O aceso dos visitantes ao segundo andar do prédio do Museu Jaguaribano dá-se por uma escada na entrada ao lado da sala dos “Ciclos Econômicos do Aracati”, que no final dá acesso a uma sala de visita, expondo um conjunto de cadeiras, cuspideiras, assentos, tapetes, almofadas, uma cadeira austríaca do século XIX, um piano e quadros de membros das famílias dos doadores.

Seguindo por um corredor adornado nas paredes com pinturas do patrimônio da cidade, um conjunto de cadeiras e um aparelho de telefonia, podemos ver ao lado direito uma sala ambientada com objetos de um escritório, onde consta um busto do Barão do Rio Branco, uma máquina de datilografia, um cofre, espada e bainha, retratos da família. A sala divide o mesmo espaço com o elevador, instalado pelo IPHAN para dar maior acessibilidade ao museu. Em frente do mesmo corredor deparamo-nos com a “Sala do Licor”, onde observamos um conjunto de cadeiras, rádio à energia, fotografias e pinturas. A mesma sala possui uma escada helicoidal que dá acesso ao terceiro piso



Adjacente a este cômodo, contemplamos a sala de jantar com cadeira de balanço, mesa, relógio de parede, mesa grande de formato oval com um conjunto com oito cadeiras e um armário com louças diversas. Logo depois a sala “Dragão do Mar” cujo acervo é composto por poucas peças são fotografias de Francisco de Assis do Nascimento, o “Dragão do Mar”, algemas, coleira e placa de homenagem e honra ao mérito à “Dragão do Mar”. Continuando temos mais três quartos um com “Trabalhos Manuais”. O último é a “Sala dos Médicos” podemos observar um conjunto de material hospitalar tanto odontológico como ginecológico. No fim do corredor existe a “Cozinha”, ambientada com utensílios para preparo e cozimento.

O acervo para as exposições no terceiro piso é feito através da escada helicoidal na “Sala do Licor”, ao final da escada deparamo-nos com um quarto denominado “Sala dos Oratórios”, que expõem diferentes e diversos oratórios, há ainda esculturas de madeira, castiçais e sacrários. A porta à direita leva à “Sala de Estar” ambientada com uma mobília doméstica como cadeiras e um harmônio. As pinturas que ornaram o corredor foram doadas por artista local, ao final entramos a sala “Monsenhor Bruno”.

Adjacente, contemplamos a sala denominada “Capela”, composta em sua maioria por objetos de ordem sacra e religiosa, são: esculturas de madeira simples e policromada ou em bronze, cadeiras genuflexório, cálices, manípulos, casulas, estolas, lanterna processional, lampadário, turíbulo em latão, batina, altares de madeira, pia batismal, capa de asperge, alva, dentre outros objetos de ordem cerimonial eclesiástica.

Mesmo que os objetos guardem a história de seus antepassados, não estão distribuídos uniformemente, nem em ordem cronológica. Na verdade guardam a memória dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX, enfatizando um passado de esplendor de homens e mulheres do município que se destacaram no âmbito nacional.

Entretanto os alunos do ensino fundamental e médio perceberam o “museu Jaguaribano” ou o “museu do Aracati” de forma distante sem realidade com seu cotidiano. Os alunos em geral entendem apenas que a cidade foi importante para a história do Ceará.

Disposta a condição do acervo, indago se os objetos encontrados no Museu Jaguaribano correspondem à realidade social local ou, de outra maneira, se fazem parte do patrimônio cultural e qual sua interpretação pela população?

Os objetos são parte do patrimônio da cidade, pois representam apenas um grupo, não é de todos. As pessoas reconhecem os sócios e o museu, mas não os objetos.

#### Conclusão:

O Museu Jaguaribano foi a narrativa da construção da memória nacional sobre o ensino de história no Aracati. Os caminhos da pesquisa sobre a educação no Museu Jaguaribano levam a identificar que houve uma prática metodológica que indicava uma ação educativa e cultural, através de um projeto pedagógico para a construção do ensino e aprendizado de história nacionalista e regional. A atuação destes projetos levantou a discussão em torno da preservação para as categorias do museu, embora, com uma educação patrimonial direcionada, portanto tornou se preciso democratizar o acesso ao patrimônio cultural, através de uma nova proposta pedagógica.

#### Bibliografia:

ABREU, Mauricio de Almeida. Sobre a memória das cidades. In: **Revista da Faculdade de Letras** – Geografia I série, Vol. XIV, Porto, 1998, pp; 77-97.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

CASTRO, José Liberal de. **Pequena informação relativa à arquitetura antiga no Ceará**. Revista Aspectos Históricos. Nº. 05. Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. UFC: Fortaleza, 1977.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

BANN, Stephen. **As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado**. São Paulo, UNESP: 1994.

BRUNO, Maria Cristina de Oliveira. **Princípios, problemas e métodos**. Lisboa; Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Cadernos de Sociomuseologia, n. 10,1997.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004. Coleção docência em formação (série fundamentos).

BRESCIANI, Maria Stella. Permanências e rupturas no estudo das cidades, in: **Anais do IV Seminário de história da cidade e do urbanismo**. Vol. 02, nº 01, Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Ed. Loiola, 2001.



12

FREITAS, Itamar. **Fundamentos teórico-metodológico para o ensino de história (anos iniciais)**. São Cristóvão: UFS, 2010.

FARIAS, Alex da Silva. **Memória, Patrimônio e Sujeitos Sociais na Construção Histórica do Instituto do Museu Jaguaribano (1965 – 1985)**. Dissertação de Mestrado, UECE/MAHIS, Fortaleza- CE, 2015.

FARIAS, Alex da Silva. **A cidade no Museu: Práticas Culturais no Instituto do Museu Jaguaribano**, in: Revista Temporalidades, v. 6, UFMG, p. 134-141, 2014. Disponível na internet via [www; http://www.fafich.ufmg.br/temporalidades/revista/index.php?prog=mostraartigo.php&idcodigo=350](http://www.fafich.ufmg.br/temporalidades/revista/index.php?prog=mostraartigo.php&idcodigo=350). Capturado em 01/05/2015.

GONÇALVES, Janice. Da educação do público à participação cidadã: sobre ações educativas e patrimônio cultural, in: **MUSEION**. UNISALLE editora Canoas, nº 18, dezembro 2014.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento in: ABREU, Regina. CHAGAS, Mário. **Memória e Patrimônio. Ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

KARNAL, Leandro. (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LEAL, Hélio Ideburque Carneiro. **Singelo documentário de alguns atentados a O patrimônio cultural de Aracati 1940 – 1994**. UNIFOR: Fortaleza, 1995.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. **O Museu de cidade e a consciência de cidade**. In: Museu e Cidade. Livro do Seminário Internacional. RJ: Museu Histórico Nacional, 2003.

\_\_\_\_\_. **O museu na cidade x a cidade no museu – uma abordagem histórica dos museus de cidade** in: Revista Brasileira de História vol. 05, nº 8/9, São Paulo: 1985.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares, in: **Projeto Historia**. Nº. 10. São Paulo: PUC, 1981.

PERISSINOTTO, Renato. CODATO, Adriano. **Como Estudar elites**. Curitiba: Ed. UFPR, 2015.

PEREIRA FILHO, Antero. **SOBRADO DO BARÃO: Desfazendo um Equívoco**- Por Antero Pereira Filho 21 de junho de 2008. [online]. Disponível via Internet via [www. url: http://www.luacheia.art.br/site](http://www.luacheia.art.br/site). capturado em 28 de abril de 2011.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. In Revista Brasileira de História vol. 27 nº 53, São Paulo, 2007.



POULOT, Dominique. **Museu e museologia**; tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

PRIMO, Judite Santos. **Pensar, contemporaneamente a museologia**. Caderno de Sociomuseologia nº16. ULHT, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, 1999.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Museu, ensino de história e sociedade de consumo**. Fortaleza: Museu do Ceará. Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004. (Cadernos Paulo Freire).

RIEGEL, Alois. **O culto moderno dos monumentos: sua essência e sua gênese**. Goiânia: Ed. UCG, 2006.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Repensando a ação cultural e educativa dos museus**. UFBA, Centro Editorial e Didático da UFBA, 1993.

SOUZA, Simone ALENCAR CUNHA, Terezinha Helena de. VELOSO, Francisco Augusto Sales. **Patrimônio Tombado — Guia bens do Ceará Tombamento**. Secretaria da Cultura e Desporto, Ceará, 1995.

#### **Fonte Oral:**

Entrevistas:

Profa. Maria do Socorro de Matos. 58 anos, professora da rede pública e particular há 35 anos, é sócia do Instituto do Museu Jaguaribano, ainda é membro da diretoria, reside em Aracati, entrevista concedida em sua residência em 01 ago. 2012.